

■ Erva Moira

EUA decidem restabelecer a 4ª Frota na América Latina

A marinha americana decidiu recolocar a sua 4ª Frota naval na área das Caraíbas e América Latina após uma ausência de quase 60 anos, facto que está a gerar inquietação naquela região e é apontada por alguns como o retorno da “diplomacia dos canhões”.

Fidel Castro abordou a questão num artigo publicado no jornal oficial do regime cubano, Granma, acusando os Estados Unidos de quererem “semear o terror e a morte na América Latina”. Castro afirmou que “os porta-aviões e as bombas nucleares com as quais ameaçam os nossos países servem para semear o terror e a morte, não para combater o terrorismo e as actividades ilícitas”, afirmou o ex-presidente cubano, de 81 anos, que deixou o poder em Fevereiro de 2008. Para Fidel, a iniciativa americana tem o objectivo de “enviar uma mensagem à Venezuela e ao resto da região”.

A marinha americana insiste, no entanto, que o restabelecimento desta força naval é uma medida meramente administrativa. De acordo com os analistas militares, porém, este despertar da 4ª Frota assume uma mensagem simbólica. Para o contra-almirante James Stevenson, actual comandante das forças navais americanas na região, esta atitude “envia um sinal, inclusivamente aos que não são os nossos maiores admiradores”.

Frank Mora, professor da National War College, afirma, por seu lado, que “a obsessão dos Estados Unidos pela Venezuela, Cuba e outros países da região revela que o país empregará mais a força militar e com maior frequência”.

No entanto, para Jay Cope, ex-chefe do comando sul do exército americano, “esta atitude não deve ser interpretada pelos países como uma vontade de dissuasão ou como uma ameaça. Essa não é a intenção”, afirmou. “Os objectivos do almirante James Stavridis (actual responsável pelo comando sul do exército americano) vão para além disso”, afirma Cope. “Já houve um tempo, na época da Guerra Fria, que gostávamos de pensar que a América Latina era o nosso quintal. Hoje não olhamos da mesma forma para a região”. O certo é que os Estados Unidos têm observado com inquietação a chegada ao poder de presidentes de esquerda na região, por vezes com o apoio da Venezuela e do seu presidente, Hugo Chávez, ovelha negra da administração do presidente George W. Bush na América Latina. A aquisição de material militar pela Venezuela, especialmente de aviões e helicópteros de combate e submarinos, incomodou mesmo alguns militares.

As informações sobre vínculos entre Hugo Chávez e os rebeldes colombianos das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) são “muito preocupantes”, considerou recentemente o porta-voz do departamento de Estado norte-americano, Sean McCormack. O jornal Washington Post chegou mesmo a afirmar que altos representantes venezuelanos ofereceram a sua ajuda aos guerrilheiros das FARC para comprar mísseis terra-ar.

O jornal americano cita dados armazenados no computador de Raúl Reyes, o número dois das FARC, morto em Março passado durante um ataque do exército colombiano, aos quais teve acesso. A publicação sublinha, porém, que as autoridades colombianas não têm provas de que estes mísseis foram de facto entregues à guerrilha.

RJC/AFP

Conselheira Chefe para a Matemática



A posição da Matemática na nossa sociedade (em Portugal ou em qualquer outro país) não é fácil. Todos os alunos têm nalgum momento da sua vida alguma dificuldade com alguma parte da Matemática. Isso é normal. Até Einstein declarou um dia: “Do not worry about your difficulties in mathematics; I can assure you that mine are still greater.” (não se preocupe com as suas dificuldades a Matemática; posso assegurar-lhe que as minhas são ainda maiores).

Por outro lado a Matemática apresenta-se como uma ferramenta cada vez mais indispensável nos dias de hoje: diferentes métodos eleitorais, gráficos de todos os tamanhos e feitios, empréstimos irrecusáveis, juros sempre a mudar, cotações caóticas do euro e do petróleo, orçamentos para projectos, tarifas de diferentes operadores de telemóveis ou fornecedores de internet, impostos e deduções, etc., tudo é cada vez mais parte do dia a dia do cidadão comum.

As dificuldades inerentes a uma disciplina como a Matemática em que a viagem constante entre o concreto e o abstracto e a necessidade de construir em cima de conhecimentos anteriores é vital e incontornável, transformam-na numa disciplina única e necessitando de abordagens pedagógicas completamente diferentes de qualquer outra disciplina. E essa é uma mensagem difícil de passar, trazendo dificuldades ao trabalho dos professores de Matemática por não terem as condições necessárias para ensinarem Matemática aos seus alunos. Quantas pessoas (professores ou não) não questionaram já professores de Matemática dizendo que determinado aluno era bom a todas as disciplinas pelo que não poderia ter más notas a Matemática?

Em Inglaterra esta questão foi abordada de uma forma original. Em 2008, Celia Hoyles, professora de Educação Matemática na Universidade de Londres, foi nomeada pelo governo inglês

“Chief adviser on maths education” (conselheira chefe para a educação matemática). Durante dois anos ela tentou explicar aos diferentes departamentos governamentais o que era preciso fazer para melhorar o ensino da Matemática em Inglaterra. Numa entrevista dada no início deste ano ao jornal Guardian, disse: “Falei com muitos ministros. Fiz ouvir a voz da matemática nos círculos governamentais. Essa era minha função. Nem consigo dizer quantas conferências dei.”

Esta nomeação surgiu na sequência da recomendação de um relatório encomendado pelo governo inglês a Sir Adrian Smith que disse não ter conseguido encontrar no governo um interlocutor para discutir as questões do ensino da Matemática. Diz que encontrou cerca de 25 funcionários públicos com alguma responsabilidade no assunto entre os quais “uma pessoa com um curso de Matemática e uns 14 historiadores”.

A consequência mais visível do trabalho de Celia Hoyles foi a criação de um grande instituto nacional dedicado à formação contínua de professores de Matemática que inclui a produção de materiais, a divulgação de iniciativas locais e nacionais e a organização de outras iniciativas que juntam professores numa perspectiva de formação contínua.

Em Portugal bem precisávamos da criação de tal lugar. Há muitas iniciativas interessantes que passam despercebidas e poderiam ser generalizadas, há muitas medidas que se perdem sem ser devidamente avaliadas (como a do desdobramento das aulas de Matemática no secundário) e acabam por ser esquecidas, há muitas necessidades que não são ouvidas pelos responsáveis (nem sequer às vezes as pessoas sabem a quem se dirigir) e quando são tomadas certas decisões importantes o papel delicado da Matemática não é acautelado (por exemplo, na proposta fusão do 1º e 2º ciclos do ensino básico não foram acauteladas as recomendações nacionais e internacionais de reforçar a formação matemática dos professores do 1º e 2º ciclos).

Porisso fica a minha sugestão: crie-se o lugar de Conselheiro(a) Chefe para a Matemática no governo português.

Jaime Carvalho e Silva

Departamento de Matemática, Universidade de Coimbra